

## Resenha

**Ciência e jornalismo:** da herança positivista ao diálogo dos afetos  
(MEDINA, Cremilda. São Paulo: Summus, 2008, 116p.)

Liliane Calado<sup>1</sup>

Olhar para as raízes do passado nos faz entender nuances do presente. Esse é o ponto de partida da obra “Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos”, no qual a autora Cremilda Medina recorre a matrizes teóricas seculares para explicar fenômenos propagados em domínios, como o campo da Ciência e da Comunicação.

O livro está segmentado em três partes intituladas “Positivo não operante, ou Auguste Comte revisto”, “Diálogo Possível, relato de uma experiência” e “Reflexos e reflexões à margem das certezas”.

A primeira parte aglutina dez capítulos: “Heranças cruzadas”, “Positivo operante no jornalismo”, “Abalos no edifício positivista”, “O erro de Descartes, segundo Damásio”, “O erro por corrigir, ou as lições do método”, “O corpo e a alma nas células embrionárias”, “A mágica solidária do útero”, “Paradigmas que a todos inquietam”, “Pascal no século XXI” e “A sutileza da operação noticiosa”. Todos esses capítulos são curtos e concisos e como é perceptível nos títulos, a autora muitas vezes utiliza a metáfora para explicar algumas hipóteses por ela apresentadas.

Nas linhas iniciais, Medina traça um diálogo com o teórico Auguste Comte. Apreciando a obra chave desse pensador, “Discurso sobre o espírito positivo”, Medina apresenta a idéia de que o positivismo é um princípio recorrente na ciência e também no jornalismo.

De acordo com a autora, Comte conceitua a positivismo como um regime definitivo da razão e no qual a observação é a base do conhecimento. Para a escritora, epistemologicamente essas características e seus desdobramentos são encontradas no fazer científico e jornalístico. Especificamente sobre o jornalismo, ela assegura que o “tom afirmativo perante fatos, a busca obsessiva pela precisão de dados, a fuga das

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB. Membro do Grupo de Estudo e Divulgação de Informação Científica – GEDIC, da UFPB.

abstrações e delimitação de fatos determinados” (p. 25) demonstram as marcas do positivismo nesse exercício.

Nos capítulos seguintes, percebemos as razões da discussão sobre o positivismo. Medina apresenta esse debate para nos alertar acerca da necessidade de quebra dos “grilhões positivos” no jornalismo. Para ela, os impasses, complexidades e incertezas dos séculos XX e principalmente XXI têm exigido o rompimento da rígida lógica de Comte na “arte de tecer o presente”.

E o que seria a arte de tecer o presente? Medina explica que é a formatação de narrativas baseadas em quatro flancos - contexto social, protagonismo anônimo, identidade cultural/raízes históricas e diagnósticos e prognósticos especializados. O caminho apontado é “reencontrar a intuição criadora em meio ao arsenal racionalista.” (p. 31).

Dando sequência, a escritora inicia um novo diálogo com outros dois teóricos: René Descartes e Blaise Pascal. Observando o livro “Discurso do Método” de René Descartes, Medina ressalta que o pensador traz apontamentos sobre a verdade e a razão. A alusão de Descartes convém para mostrar que “ambição de separar o falso do verdadeiro na realidade rende até hoje certezas epistemológicas”. (p. 37). Para Medina, esse fato ainda permanece na lógica do jornalismo.

Sobre o teórico Blaise Pascal, a autora afirma que ele surpreendeu no XVII, ao contrariar Descartes, afrontando a euforia da razão preconizada nessa época, apresentando os sintomas da intuição e dos sentidos, “prefere os estilhaços intuitivo-sintéticos do sentir-pensar” (p. 57). Medina finaliza o raciocínio, da primeira parte de sua obra, assegurando que o pensamento de Pascal pode dar sutileza às discussões técnicas que conceituam as narrativas da notícia (p. 58).

Faz-se necessário elucidar que as citações de pensadores como Comte e Descartes em “Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos”, trazem à tona ponderações que muitas vezes não são meditadas no jornalismo. Essas considerações ocasionam um “novo olhar” para nós, pesquisadores.

É coerente afirmar também que para um entendimento mais coeso das apreciações da autora é indispensável uma leitura mais aprofundada sobre tais teóricos. Aqui se instaura uma sutil crítica: Esse resgate conceitual em algumas passagens torna-se obscuro em função da abundância de informações/pressupostos trazidos no livro, o que em alguns momentos causa conflitos à leitura.

A segunda parte da obra contém um capítulo “A prática da interação social”, que condensa exemplos de experiências vivenciadas pela “Medina-repórter”. São matérias sobre uma sobrevivente de um campo de concentração, intituladas “Sobrevivente pede o fim da maldade” e “Geléias para o inverno”. As matérias são seguidas de uma ampla caracterização do trabalho realizado (contato com a fonte, edição e fechamento da matéria). Além disso, há ainda trechos do livro “Réquiem a Zwolén”, que também traz depoimentos de sobreviventes da cidade polonesa Zwolén. As reportagens corroboram para demonstrar que a percepção e observação do jornalista são importantes para um texto criativo.

Análoga ao estilo maffesoliniano<sup>2</sup>, Medina propõe que “somos humildes aprendizes do diálogo possível” (p. 67) e sinaliza que mesmo diante do traquejo especializado e da experiência técnica vivenciada no jornalismo, o repórter muitas vezes “precisa do silêncio subjetivo, dos sinais dos cinco sentidos e da despoluição da consciência para a escuta da intuição criadora.” (p. 68).

A terceira e última parte discute a relação do jornalismo com a era digital. Em dois capítulos, “Grandezas e limitações da relação digital” e “Para além do código linguístico”, Medina questiona se a aceleração digital afogará as percepções da cena viva. Após alguns comentários, como por exemplo, acerca da entrevista eletrônica, emerge a resposta: “Para fazer circular as narrativas da contemporaneidade precisamos sim, de máquinas complexas e velozes, mas, mais ainda, de inteligências autorais que refundem um cosmo, interpretando o caos da realidade”. (p. 99). A autora defende que as percepções não-verbais são importantes para a resolução das narrativas da contemporaneidade.

Como conclusão, Medina teoriza que o corpo e os sinais transmitidos por ele, como silêncios e gestos dentre outros são fundamentais tanto para os produtores do saber científico como para os jornalistas: “O corpo por inteiro abre a sensibilidade para a intuição criadora que, por sua vez, mobiliza a razão complexa para uma intervenção transformadora. E esse protagonismo humano a máquina ainda não superou”. (p. 109).

“Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos” é uma obra reflexiva. À volta ao passado, proposta por Medina alinha história e presente e elucida considerações pertinentes para a nossa contemporaneidade.

---

<sup>2</sup> Ver MAFFESOLI, Michel. O conhecimento comum: introdução a uma sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2007. Neste livro, Maffesoli metáforiza “é preciso ouvir o mato crescer, isto é estar atento a coisas simples e pequenas”. (p. 40).

Durante a leitura, muitas vezes, somos pegos, inserindo no nosso cotidiano os pensamentos balizados pela autora, seja como jornalistas ou como pesquisadores. As concepções apresentadas por ela nos provocam: como trabalhar no dia-a-dia com a lógica intuitiva dos gestos diante da pressa tão notória e determinada de nossa prática? É uma indagação desafiadora e que instaura a emergência de novos estudos.

A obra pode ser considerada significativa para pesquisas sobre o exercício jornalístico, servindo como um suporte crítico e atual.